

Jornal das Senhoras – Tomo I - 25 de janeiro de 1852 - Edição 04

Link: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/700096/per700096_1852_00004.pdf

TOMO I. – DOMINGO, 25 DE JANEIRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS.

ABRO a sessão de hoje com uma indicação importantissima, para aqual peço urgencia, e votação das vossas Assignantes, aquem me dirijo amiga, como sempre, que sou de muitas, e em geral agradecida a todas, não só pela cooperação que briosamente vos teem prestado e hão de prestar; mas ainda pela feliz accitação que os meus artigos teem alcançado perante o seu bom gosto e o seu juizo descriptivo. Vamos motivar a indicação.

Minhas queridas, quando eu accitei a tarefa de vos escrever um artigo de modas todas as semanas, pensei no caso; e só depois de convencer-me da necessidade, que se fazia sentir na nossa terra, de uma fiel interprete das modas que bem as descrevesse e julgasse, foi que principiei o meu trabalho. Levei em vista portanto não especular com a vossa boa fé (e quem me obrigaria a isso?) e apresentei-me perante vós, franca e leal, confiando-vos a minha pequena pratica e o meu tirocinio formado entre o bom gosto do verdadeiro mundo elegante de Paris.

Disse-vos em o meu primeiro artigo o que entendia a respeito do primeiro figurino que O JORNAL DAS SENHORAS vos offereceu e disse-vos a verdade. Mas não vos disse tudo.

Devo dizer-vos ainda mais alguma coisa de que hoje estou ao facto, e muito autorisada a declarar-vos por ordem da minha amiga Redactora em chefe.

Um jornal d'esta ordem, minhas queridas, com o timbre honroso de - JORNAL DAS SENHORAS - escripto por ellas mesmas com o duplo fim de defender os direitos do seu sexo, e centralisar as modas e a sua direcção, jámais seria publicado, sem ter estabelecido todas as precisas circumstancias para bem desempenhar a missão de que se encarregou para com vosco.

A Redacção cuidou antecipadamente de relacionar-se com as primeiras casas francezas do Rio de Janeiro, encommendou os seus

figurinos, com as mais restrictas condições em favor da moda, á primeira e mais importante das nossas casas de modas, estabeleceu uma correspondencia especial com os agentes e socios d'essa casa em Paris, pessoas aqui já muito notaveis pelo seu apurado gosto e completo conhecimento do nosso mundo elegante brasileiro, habilitou-se em tudo e por tudo, e com passo seguro encetou sua obra, conscia do que ia fazer e certa do que devia dizer.

Das precauções assim tomadas resulta poderem apparecer os artigos de modas do JORNAL DAS SENHORAS acompanhados sempre da verdade e da exactidão.

Nossos figurinos não vos serão apresentados por mero capricho de fantasia, *ou o quer que for*, que não seja o ardente desejo que ha muito alimentava a Redacção de instituir um jornal d'este porte, a cujas enormes despesas não recuou, nem recuará, em quantó vós o sustentardes.

Nossos figurinos são expressamente feitos em Paris para o nosso jornal; cada un d'elles ha de apresentar-vos um dos toilettes de melhor tom, isto é, um toilette que o bom-tom de Paris escolheu com preferencia entre outros muitos, e mais ainda: elles terão de apresentar-vos muitas vezes modas, enfeites e fazendas, que Paris ainda as tem de usar na primavera d'este anno (*aos 20 de Março as 10 horas e 51 minutos da manhã*) e no estio ou verão (*aos 21 de Junho as 7 horas e 31 minutos da manhã*) e as fazendas, modas e enfeites vos serão apresentados ao mesmo tempo com elles. Admiraes-vos d'esta declaração? Pois bem, eu vou explicar-vos a razão.

Era de costume velho uo Rio de Janeiro apresentarem as fasendas e as modas de Paris muitos mezes depois de lá serem vistas e usadas; isto acontecia em primeiro logar por serem as estações do anno differentes e oppostas; e em segundo logar porque não havia o decidido bom gosto, que hoje predomina o nosso mundo elegante, para o consumo das fazendas modernas e mesmo não havião negociantes que, por melhores desejos que tivessem, se arrojassem a fazer grandes despesas sem nenhuma probabilidade de encontrarem depois os necessarios consumidores. Uma casa poréin, de tempos a esta parte, a casa dos Snrs. Wallerstein e C. se deliberou a mudar de uma vez o estado entorpecido das modas parisienses no Rio de Janeiro, e, á custa de grandes sacrificios, cuidados e uma constante attenção, alcançou destruir o sedição jugo que nos sujeitava a servir-nos dos restos e apáras. Fizerão-nos pois um grande serviço.

Elles teem hoje em sua casa, remarcae bem, fasendas leves e delicadissimas que, como já vos disse, ainda hão de servir na primavera em Paris, e das quaes nós já carecemos para o nosso verão; estabelecerão que de mez, em mez lhes venhão chegando novas fasendas de gosto, que de ante mão as fabricas vão preparando para as differentes estações do seu paiz, de sorte que appareção no Rio de Janeiro apropriadas tambem a nossa estação e á moda. Mas, direis

vós, como usaremos d'essas fazendas tão modernas, se unicamente temos figurinos antigos do verão passado? Hoje em Paris todos tremem de frio, e não ha figurinos de toilettes leves e transparentes; ha os de bailes e soirés, e os encapotados em pesadas lãas contra o rigor de inverno.

Assim é; mas tudo isto está privinido: e para provar ao mundo elegante quanto o JORNAL DAS SENHORAS ambiciona merecer o conceito de todas e collocar-se na posição que lhe compete, repara nas fazendas de seda linho ou algodão, nos enfeites, quaesquer que elles forem, que vos apresentar mensalmente os nossos Figurinos, ide depois procural-os à casa de M Barat, ide à dos Snrs. Wallerstein e C., e lá encontrareis tudo que procurardes, tal qual vos indicar o Figurino.

Isto, por certo, é uma das grandes vantagens do JORNAL DAS SENHORAS; a moda que elle annuncia está escrita, pintada, executada, e já nas parteleiras da casa dos Snrs. Wallerstein e C. postas á vista do apurado gosto do nosso mundo elegante. Desta harmonia e desta intelligencia entre a moda e os que a tem de executar provém a certeza e a regularidade da mesma moda.

Ella chegará ao alcance de todos, todos conhecerão a sua direcção, e della lançarão mão conforme forem suas circumstancias, e como bem lhes parecer; mas não deixarão por isso de dizer - *a moda eu sei que é assim, porém modifiquei-a aqui e ali segundo as minhas posses* E' isto o que o JORNAL DAS SENHORAS deseja realizar.

Porque, minhas queridas, Leitoras não

- 27 -

ta só em dizer-se: - a moda é assim; em Paris usa-se assado; as cores são estas; as fazendas são aquellas; não, taes artigos de modas só servem para trazer as senhoras em continua confusão, e acabão por ninguem os acreditar como tal, mas sim como artigos espirituosos e bem feitos unicamente. E' necessario indicar a moda, inculcar as fazendas, designar a modista, e em fim preparar o *prato* para ser trinchado ao gosto de cada um. Dest'arte persuado-me poder alcançar-se, ao menos, que andemos a par das modas, e não aconteça usarmos dois e tres annos depois aquillo que em Paris já enenjòa de tão usado.

Haja vista aos paletots dos senhores homens: ha cinco anos os primeiros que aqui apparecerão forão até redicularisadas as pessoas que os trajavão, e hoje!... não ha velho por mais hypocrita, mais honrado, honesto, serio, ou o inverso de tudo isto, que não tenha e use diariamente seu paletot de alpaca; do que resulta parecer-me que todos elles andão

desengonsados e com roupa emprestada, por favor e graça de quanto bicho careta ha por ahi arvorado em fabricantes de paletots. Mas isto não é da minha conta.

Finaliso aqui o motivo da minha indicação; que com todo o acatamento apresento a todas as senhoras, que entendem por modas tudo aquillo que lhes vae bem com o seu rosto, cor, cabellos, corpo, idade, estado e posição.

ARTIGO UNICO.

O JORNAL DAS SENHORAS fica desde já o interprete fiel das modas que devem determinar o bom gosto de todas as suas Assignantes. -Salva a redacção.

Salla da frente, em minha casa do Catette, aos 25 de Janeiro de 1832. - Peço votos.

DECLARAÇÃO

SOBRE AS MINHAS IDEIAS DA EMANCIPAÇÃO MORAL DA MULHER.

Meu dito, meu feito, caras leitoras! os artigos sobre a emancipação moral da mulher teem sido acolhidos com inquieta curiosidade e condemnados antes até de serem lidos! - Ha muita gente assim n'este mundo - á apparição de toda doctrina nova elles se revoltão contra ella só por instincto; não a conhecem, não aprofundão, e sem mais cerimonia elles a fulminão!

Assevero-vos que tenho *medo* já de fallar; e por isso vereis que declaração formal, e estrondosa vou fazer dos meus principios, do contrario são capazes de suppor que eu quero o fim do mundo, a realisação do *mundo as avessas*; e quem sabe o que mais... Nada, urge desenganar o mundo que eu não quero de modo algum contrariar a natureza; tenho-me esforçado toda a minha vida em adivinhar o pensamento do Creador e cumprir o que elle me ensina.

Não entendo por emancipação moral da mulher subtrahil-a á protecção do homem.- Sempre que essa protecção tenha por base a amizade, será justa.

Não entendo porém por protecção, um dominio brutal.

Não entendo por emancipação moral da mulher, a suspensão da obra das gerações; querer isto seria querer entronizar os vicios mais degradantes da humanidade.

Não entendo por emancipação moral da mulher subtrahil-a á sua missão marcada pelo Creador - a mãe e a esposa.

Nem quero tão pouco que a mulher seja soldado.

- Nem empregado publico.

- Nem official de marinha.

- Nem Ministro de Estado.
- Nen Doctor graduado em leis.

Com quanto deva ella conhecer as do seu proprio paiz, porque tem de educar seus filhos no espirito da lei.

Nem quero que se gradue em Medicina; com quanto deva ella conhecer a medicina domestica, porque a mãe de familia faz a irmã de caridade junto de seu esposo, de seus filhos, de seus domesticos, quando estão doentes.

Ninguem, melhor que uma mãe, deve conhecer o temperamento e propensões de seus filhos. Ella de quem elles nascem, ella que os cria ao seu seio, que os ameiga desde pequeninos e que lhes adivinha até o pensamento.

Não entendo por emancipação moral da mulher, que ella abandone o lar domestico e marche á campanha em quanto o marido em casa trata da cozinha.

Não quero na mulher o espirito forte e heroico das Espartanas.

Emancipação moral da mulher no meu limitado entender é:

- Sua illustração.

– 28 –

Não entendo por illustração habilidades futeis:

A illustração na mulher deve entender-se em primeiro logar:

- Uma religião.

Entendemos que a religião é o verdadeiro conhecimento dos nossos devêres para com Deus, baseados no amor e na caridade para com os nossos irmãos.

- O verdadeiro conhecimento dos déveres que cada creatura tem para com sigo mesmo, e as subdivisões desses deveres da mulher.

- Como filha.
- Como esposa.
- Como mãe.
- Como ser, formado para a obra immensa do progresso social.

Uma vez isto feito, deve estudar o organismo do Universo - não scientificamente - mas sim poetica e religiosamente; ensinar-se-lhe a Geographia não de cór, practicamente, um pouco mathematicamente; conhecer a historia, não como os papagaios dizem «papagaio real.» Ligeiras noções de Litteratura, quanto baste a tiral-a do systema automatico. E em fim applicar

no ensino dos collegios methodos encyclopedicos que, sem profundar as materias, ornão com tudo o espirito e dão um toque especial de illustração.

Quero que a mulher saiba, que ser esposa. não quer dizer simplesmente - casar-se. —

Quero que ella estude acuradamente toda a sublime abnegação que encerrão estes nomes.

- Filha, Esposa, e Mãe.

Quero, que uma vez persuadida de sua missão, de seus deveres e de seus direitos, sinta nascer no seu coração essa bella dignidade, esse santo e nobre orgulho do ser que no fundo de si mesma encontra o Eu impenetravel, onde nunca chegão outros olhos que os de Deus; e ás vezes os de uma mãe!

O livre alvedrio é um facto metaphysico que, com quanto assim o seja, existe, logico e irrecusavel, como uma cifra arithmetica.

Como existe a consciencia, como existe o Eu porque pensamos e existimos - a Emancipação moral da mulher é pois - deixar de ser:

- Coisa para ser :

- Mulher tal como o Creador a formou.

Com uma organização sensivel, nervosa e delicada, que a educação pode fortificar com uma intelligencia clara e perfeita, a qual contendo em seu todo, todas as molas mysteriosas da organização d'alma, é susceptivel do estudo de si mesma e do estudo em geral das maravilhas da criação, ou das que o homem inventou, ou revelou a humanidade inspirada por Deus.

Mulher tal como o Creador a formou.

Fraca e fragil como a humanidade inteira; porque a humanidade não é o homem só - nem a malher só; mulher cultivando sua intelligencia; porque é esse o destino de toda a potencia intellectual.

Mulher que possa, no conhecimento exacto dos seus deveres, encontrar a força moral que a preserve na occasião de subscrever a infames humilhações.

Mulher que possa encontrar na sua educação recurso honesto contra a oppressão, contra a crapula, e contra a miseria.

ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO.

A epigraphe d'este artigo parece-nos assás importante para as familias, e nos poupamos ao trabalho de demonstrar a necessidade absoluta de bazes certas e judiciosas em que fundar o

ensino moral da mocidade; assim como a falta total de methodos faceis para o ensino dos meninos de ambos os sexos.

Com tudo advertimos desde já que, com quanto as nossas ideias vão de encontro com o practicado até hoje, assim como com os preconceitos que vicião a educação da mocidade, nem por isso deixaremos de as expor com toda a franqueza que devem ter opiniões de tal importancia. Difficil é a tarefa porém, ajudados da nossa boa vontade, dos conselhos da experiencia, e do fructo de algumas leituras, possuímos a doce esperança de dizer alguma coisa que mereça a pena de ouvir-se, e talvez de tirar algum pensamento vantajoso ao bem geral

E' innegavel que a America do Sul, é um dos lugares do globo terraqueo mais atrazado a respeito do methodos de ensino.

O ensino primario entre nós, merece o nome de allopathia moral; é o flagello das creanças que, uma vez entre as mãos do mestre, já não são mais consideradas se não como entes racionais, quando todos sabemos que até a idade de 8 a 10 annos, não temos outra coisa que o instincto da intelligencia; que os nossos orgãos, fracos e incompletos, aprendem por imitação e sem discernimento, e por

(continua)

JORNAL DAS SENHORAS

Romance composto por

F. S. Noronha.

CANTO

PIANO

Tu - di - zes que eu te a - mo Mas que não sou cons.

Tu - di - zes que eu te a - mo Mas que não sou cons -

tan-te Pois que meu peito a-mante Ve-ria assás no a-mor Tam-

- tan - te Pois que meu peito a - mante Ve - ria assás no a - mor Tam -

Bem a-mari-po-za De chama em chama de - - - - já Po-

- Bem a - mari - po - za De chama em chama de - - - - já Po -

em por fim cha-me já Da cha ma no quer

- dem por fim cha - me - - - já Da cha - ma no quer



Mar Po - rem por fim cha - me - - - já Da



cha - ma no quei - mar Da cha - - - ma _ no quei _



2°

Envi a bella Lilia,
En vi en'um momento
Bresleithe o juramento
De consagrar-lhe amor;
Assim o Colibrio
Da prima flor nascente
Que encontra complacente

Se torna o amador.

3º

Depois vi o Carlina.

É de Lilia olvidado,

Ao nova bem presado

Volveu-se o meu amor;

Foi qual a borboleta

Do prado florescente

Que varia innocente

Baja uma e outra flor.

4º

Porem, hoje eu te amo.

E juro ser constante,

Bem que o meu peito amante

Varie assás no amor;

Assim a mariposa

De chamma em chamma adeja

Porein por fim chammeja

Da chamma no queimar.

Letra de Brito e Braga. A Pinta, F.

– 29 –

consequente, seria mais conveniente adoptar aquelle plano de ensino que melhor conviesse ás necessidades dos padecentes meninos, e não imbuir-lhes esses methodos rançosos e defeituosos que tanto os mortifica.

Os mestres nunca devem esquecer que as creanças não tem reflexão - são como os papagaios - apremdem de cór, e sem comprehender o sentido d'isso mesmo que lhes ensinão, facil e distinctamente e repetem. Vamos pois esboçar um plano de educação, cuja applicação já ensaiamos, havendo seus resultados excedido as nossas esperanças.

No proximo numero continuaremos.

(Transcrevi da *Imprensa do Rio Grande do Sul* este meu artigo, com o qual continuarei - os Estudos sobre a educação.)

POESIA.

A nossa incognita collaboradora, remetteu-nos estes versinhos, tocantes pela sua simplicidade.

LAGRIMAS DE AMOR.

Uns olhos negros formosos,
Um sorriso encantador,
Atearão em meu peito
Ardente chama de amor.

Eu amava.... quando, oh! Ceos!
A mais negra ingratidão,
Meu amor ingenuo e puro,
Matou-me no coração....

Mil prazeres innocentes,
Vinhão minh'alma embalar;
Era feliz em meus sonhos,
Foi cruel meu despertar!

Quando sonhava venturas,
Tive magoas e tormento,
Onde esperava constancia,
So encontrei fingimento!...

Só teve minha esperança
A duração de um momento!
Fugitiva qual a nuvem,
Veloze como o pensamento!...

Assim devia extinguir-se
O mais terno dos amores....
Todo o encanto quebrou-se,
O prisma perdeu as cores.

Que resta de tanto extremo?
Que resta de prazer tanto?
A mais profunda tristeza....
A companheira do pranto!

E se não fossem as lagrimas
De dor havia estalar;
Bemdito sejaes meu Deus!
Que nos destes o chorar....

– 29 –

MISTERIOS DEL PLATA.

ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO.

Com o mundo começou uma luta que só com o mundo mesmo acabará, não antes: a do homem contra a natureza, a do espirito contra a materia, a da liberdade contra a fatalidade. A historia não é outra coisa que a relação desta interminavel luta.

MICHELET, Historia de França.

- Um selvagem unitario, diz V, m?... tornou o Juiz com o rosto todo demudado e parando as orelhas, assim como o Tigre quando se aproxima da presa que conta devorar.

- Como está ouvindo; disse tranquillamente Miguel: diante de mim mesmo, teve aviso o Governador, que lá da banda Oriental se desprende um Unitario com tenção de vir sublevar a Provincia

- Um infame e selvagem Unitario! repetia o Juiz todo embatucado sem poder comprehender que um Unitario se atrevesse a ir ter ao Paraná, do qual julga-se dono e Snr. absoluto, o Dictador dos povos do Plata, que concidera como seu patrimonio, homens e logares d'aquellas regiões.

O momento critico tinha chegado para o magistrado; estava no cheio da difficuldade. Se acertara? O Juiz levantou-se todo agitado, fumando seu charuto e sem poder coordenar as suas idéas; tal choque soffria seu systema nervoso, não só com a presença de um pestitento Unitario no Paraná, como tambem com a solução do enigma que S. Exa. lhe mandava.

Miguel entretanto com um pé crusado sobre o joeiho, fumava com prazer o seu puro correntino, aspirando seu aroma, sem amofinar-se de modo algum com as tribulações do Juiz de Paz, que tão perto estava de trocar a balança da Justiça, pelo machado ensanguentado do carrasco.

A' força de tanto coçar as orelhas, de passear e de suar, principiava o Juiz a ter lá com seus botões o soliloquio seguinte.

« Eu digo muito bem quando affirmo, que estes despachos não são outra coisa que
« desculpa para commissão mais importante, e este maganão do gaúcho só a gancho se lhe
« arrancão as palavras; mas eu sou finório em negocios de politica! oh! assás o conhece o
« Governador!

Neste ponto do seu intimo discurso, o Juiz botou fora a metade do charuto que fumava e acendeu outro inteiro; como se os homens da sua importancia social se desgradassem fumando um charuto até o fim.

- Já se ve, disse o Juiz no tom de quem sabe que não pode ser de outra maneira aquillo de que vae fallar. já se vé que S. Exa. terá tomado as medidas conducentes á captura d'esse selvagem Unitario? Sabe V. m. o nome d'esse infame demagogo?

Miguel encolheu os hombros. - Não sei o seu nome; respondeo depois de lançar fora o cabo do seu charuto, e pondo-se em pé continuou: No que diz respeito ao Unitario, que vem pele

Vêde os numeros 1, 2 e 3.

— 30 —

Paraná, ninguém como V. m. mesmo pode fazer esse serviço á Patria.

O Juiz deu um passo atraz e abriu os olhos tão desmesuradamente, como aquelle que está perto de perder o juizo. Semelhante revelação era superior ás suas forças.

- Pelo que Miguel dizia, claro estava que era elle, Juiz de Paz do Baradeiro, quem devia prestar este eminente serviço a causa da Federação.

Este era o fim porém, e os meios?

Quais erão elles?

Serião da approbação do Illustre? Seria necessario armar lanchões, atropellar alheia bandeira, ou esperar que a traição operasse o milagre?

Eis o busilis.

Tornando a si da sua turbacão, levantou o Juiz sua cabeça com orgulho, e em attitude declamatoria principiou.

- Como! Sera, possivel? Serei eu tão feliz que possa prestar tão eminente serviço á santa causa da Federação e da America em geral?

- O que eu sei, respondeu Miguel, é que se V. m. *quer, pode prender* esse homem e...

Não obstante o interessante do negocio, o digno Juiz achou indecoroso deixar chamar homens - aos Unitarios, na sua presença, e interrompendo o joven.

- Os selvagens Unitarios não são homens, nem mulheres, é dizer, em seus respectivos sexos, deixando pelos seus crimes de serem considerados seres humanos, são unicamente selvagens Unitarios; não esqueça isto Miguel; agora vamos a outra coisa, V. m. dizia que ?...

- O que eu disse é que se V. m. *quer, pode* deitar-lhe a mão em cima.

- Elle desembarca?

- Basta que o Mestre do barco atraque á margem do rio.

Já se vé que isso basta, retorquiu o Juiz; vou agora mesmo mandar um officio ao comandante militar...

- Quanta gente tem V. m. na estancia? interrompeu Miguel.

- Vinte homens por tudo, porém armados.

- O córte da madeira já se pode principiar, continuou o moço fallando com sigo mesmo; ha já quantidade de arvores sem folhas... o barco chegará dentro de dois ou tres dias...tenho tempo, partindo na madrugada de amanhã.

O Juiz ouvia de boca aberta!...

- E V. m. virá connosco Miguel? perguntou affectuosamente o Juiz.

- Assim o espero, disse o moço, e se dispoz a sahir.

- Onde vae V. m! vou mandar preparar-lhe uma cama....

-Nao, eu durmo melhor lá fora sobre o aparelho do meu cavallo: boa noite até amanha.

- Se Deus quizer - respondeu o *religioso* Juiz de Paz, e fechando cuidadosamente as portas e as janelas, dirigiu-se à sua alcova para entregar-se ao somno.

E' provavel que suas esperanças de futura elevação e o importante papel que a sorte lhe destinara, não o deixassem descansar.

Em quanto a Miguel, esse, nada esperando nem dezejando, dormiu tranquillo, debaixo de um Ombú com seu cavallo ao pé de si.

IV. - OS PASSAGEIROS DA SUMACA LA FRANCESCA DI RIMINI.

Era este o nono dia, depois que la *Francesca di Rimini* deixara após de si a risonha quanto *coquelle* povoação de Montevideo, com seus brancos cazebres, seus lindos miradouros e suas elevadas torres, tendo em frente o seu verde morro chamado *El Cerro*, onde á noite brilha o pharol que indica o porto ao intrepido marinheiro, que desde apartados climas vem saudar o Gran Plata; com sua formosa campina que forma o fundo do seu seguro fundeadouro, n'aquelle tempo semeada de alegres e viçosas chaças; hoje coberta das ruínas que, como monumento de opprobrio, marcão o sulco ensanguentado da guerra fratricida.

Ha nove dias que as ribanceiras de S. Gregorio e a ilha de Martim Garcia, a qual mais tarde foi theatro de um dos episodios mais heroicos de nossa horriavel revolução, ficavão pela popa da sumaca *Francesca di Rimini* que navegava o Paraná, com destino á confluencia d'esse rio, e o que banha o fertil e rico Paraguay, com este nome, os quaes unidos formao o volumoso e altivo Plata que, mao grado o renome seu, não é outra coisa que a balisa da boca d'esse gigante rio Paraguay, cujas fauces ninguem as explorou desde o descobrimento do Novo Mundo até agora, e que suppõe nascer aos 5. g. de latitude sul, correndo na extenção de 750 leguas castelhanas.

Ali, na confluencia d'esses grandes rios, existe a infeliz provincia Correntin, eden florido e delicioso onde o Creador derramou com profazão thezouros de fertilidade, que debaixo do seu Céu sereno, e no meio dos seus generosos filhos, algum dia será a terra de promissão para onde dirigirão seus passos os homens famintos da decrepita e corrompida Europa.

A um dos portos correntinos sobre o Parana se dirigia a sumaca, *Francesca di Rimini*.

Os passageiros que levava a seu bordo erão, a familia do Dr. Avelhaneda, cujo todo compunha-se de:

O Dr. Valentim Alsina, homem de seus trinta e tantos annos.

Sua mulher D. Antonia Maza de Alsina.

O menino Adolfo, filho de ambos.

Era um formoso dia do mez de maio; tempo havia que o sol dourava o cimo do arvoredos que limpida corrente reflectia no seu fundo.

A brisa, que rumorejando entre a folhagem das selvas, vinha carregada do aroma das moribundas flores do Outono, e passava leve e timida por entre as brancas velas da sumaca, era tão fraca que mal quebrava

o brilhante cristal do rio. A sumaca adiantava lentamente, evitando aqui ou acolá os ilhotes, que como esmeraldas fluctuantes levantão curiosas vistas do sujo do largo Paraná.

As verdes folhas, do Ceibo, já seccas e amarellas, rolavão uma a uma, assim como uma a uma perdem-se na eternidade as fugitivas azas da nossa vida!

A surda correnteza do rio arrastava com rapidez as desprendidas folhas e as virgens flores da margem, assim como irremediavelmente o tempo rapido e silencioso arrasta no seu curso os dias bons ou maos que passamos sobre a terra.

A Calandria occulta no bosque, modulava as suas maviosas cadencias, e Martim pescador, ou Anhinga, lançando seu lugubre assobio, mergulhava seu bico cor de rosa, e colhendo sua presa fugia contente e veloz a devoral-a em seu ninho.

Algumas vezes scintillantes vião-se os olhos do Jaguareté; ou sobre o Taya de flores grandes ostentava sua brilhante plamagem o Guaia; e lá ao longe, semelhante a um lamento de dor, resoava o gemilo fatidico do passaro agoureiro dos Guaranís, o melancolico Curucú sempre escondido no fundo das selvas mais impenetraveis.

Os derradeiros adeuses da vegetação, debaixo d'aquelle Céu puro e sereno, no meio da silenciosa magestade do deserto, despertavão no fundo do coração, uma melancolia suave e profunda.

O convés da sumaca apresentava o quadro seguinte.

O Dr. Alsina estava sentado em um dos angulos da pòpa; apoiando um cotovello sobre o joelho, sustinha com a mão a sua cabeça e com a outra mão segurava a borda do barco.

Seu olhar vago e meditabundo revelava uma dor profunda, e os symptomas de um desalento que era repellido com a vehemencia de sua alma briosa e sua nobre coragem de homem e de patriota.

Brilhava na capella de seus olhos uma lagrima de proscripto, que seu orgulho de homem a cristalisava, quando se queria desprender pelas suas faces pallidas e descarnadas.

Não era o Dr. Alcina, um d'esses homens de coração raquitico que, fóra da sua provincia, baptisção com o nome de estrangeiro o vasto paiz onde assentão as provincias unidas do Plata; mais illustrado e mais nobre sabia que todos são povos irmãos, homens de uma mesma familia, que juntos offerecerão seu sangue com heroismo, para sèllar o foro augusto da sua sacrosanta Independencia.

Affastadas, porém doces lembranças da infancia, gravarão no seu peito o nome de Buenos-Ayres, onde elle nascera; ali serenos e inexpertos decorrerão os dias da sua primeira mocidade; ali seus primeiros amores que o hymeneu consagrara, sanctificando, com o precioso

nome de esposa a mulher da sua escolha: ali nascera seu filho, o seu querido Adolfo!... nessa terra de Buenos-Ayres dormiãe os restos de uma digna idolatrada mãe!

Quanta saudade não devia despertar-lhe

Buenos-Ayres!

(Continua.)

SOLILOQUIO

A' SOMBRA DE UMA JABOTICABEIRA.

Quem mais do que uma mulher será capaz de comprehender o sentido occulto desta palavra de mysterio? Amor! Oh! quanto és doce e deleitoso para um coração puro que ama com idolatria! que sentimentos ternos e maviosos não despertas tu em nossa alma! Quantas vezes procuro eu as horas silenciosas da noite para entregar-me ao doce enlevo do meu ardente amor! deste amor que tem feito toda a poesia de minha vida, deste amor que dá luz a meus olhos, que para mim encanta a natureza, porque nella toda eu vejo retratado o objecto de minha extrema paixão!!...

Se minhas vistas pairão por sobre a superficie da terra, en contemplo esse ente querido no verdor e no viçio de suas plantas, no marchetado de suas flores e nos canticos melodiosos de suas aves.

Se ergo meus olhos para o Céu, com elles deparo no raiar de uma manhã risonha e bella, esclarecida pelo cirio aurifulgente do Creador no grande templo do mundo; ou no descambar de uma tarde ser na, refrigerante por uma suave brisa; ou no correr de uma noite sem nuvens, empallidecida pela melancolica alampada da Virgem Santa, e que desperta sentimentos ternos e amorosos.

No scintillar das estrellas eu vejo seus olhos que me incendeião o coração; no pollido disco da lua eu o diviso sensivel e melancolico, quando se entrega à meditação de algum pensamento por sem duvida terno e bello, como elle mesmo!...

E tudo isto é bello, tudo tem poesia para mim, tudo me falla ao coração e concorre para adoçar minha amargurada existencia!...

O que seria do meu viver se não fóra este amor santo e puro? Oh! como tudo isto é encantador!

Amor! consoladora esperanza da minha vida, doce enlevo dos meus sentidos, so tu teus tido poder de minorar as dores do meu afflicto coração! Só tu semêas as flôres no escabroso caminho de minha amargurada existencia!

C.

THEATROS.

Domingo passado foi por fim á scena *Manoel Raymundo*, producção original do Snr. Santos Neves.

Não podemos emittir a nossa opinião a este respeito, porque é necessario encorajar os operarios que se empenhão em levantar os primeiros alicerces, de um Theatro Nacional Brasileiro. - A originalidade dos nossos costumes já é um vasto campo de exploração, e se a elle ajuntarmos uma rigida observancia das leis *do bom senso, uma moral pura* e a possivel clareza na exposição do argumento, sem duvida attingiremos o nosso objecto.

Os inconvenientes que se apresentam não são pequenos; o nosso curto passado, é tão pouco tradicional, tão nú de acontecimentos cavallheirescos, que a não ser o presente nada mais podemos explorar; por isso o drama de costumes, merece ser estudado com aquella attenção de uma obra destinada a traçar o caminho que outros hão de percorrer. A naturalidade dos acontecimentos, a pintura fiel dos costumes, o pensamento moral e a elegancia das formas, no drama, não se devem desprezar de modo algum, nem preferir-se aos momentaneos applausos que com mais facilidade se obtem, ou por ditos obscenos, ou por golpes magicos da scena, as vezes fóra de toda probabilidade.

O autor e o empresario João Caetano forão chamados à scena, e victoriados pelo publico; depois a Companhia tambem foi, e finalmente o maestro Noronha, tambem recebeu as ovações populares.

Eu já preveni ás minhas leitoras que d'este senhor não posso dizer nem bein nem mal, com tudo por esta vez infrinjo o regulamento, e digo-vos em confiança, que a musica do *Manoel Raymundo* é viva e original como todas as composições do Snr. Noronha o são: hontem surprehendeu-nos agradavelmente com um tercetto concertante entre os Snrs. Florentino, a Snra. D. Rozina e a rebecca do insigne maestro - devéras esteve muito feliz n'este pensamento; mas em fim acabemos com isto porque eu sou alguma coisa apaixonada d'esse senhor e estou muito em risco de dizer alguma grandississima asneira que revele a amante em vez da escritora.

Como a peça não continha difficuldades dramaticas, não vos fallarei do seu desempenho.

A Snra. D. Rozina apresentou-se no segundo acto; de saia branca de mole mole, collete de Emancipação, de chamalote azul, e paletot branco da mesma fazenda - estava na realidade muito linda, e este trajar foi-lhe propicio, porque cantou muito bem e o publico deu-lhe

repetidos aplausos. Esta bella e intelligente menina, só com tres mezes de scena tem feito admiraveis progressos, e pode vir a ser o ornato da scena brasileira. Intelligencia e virtude são dotes raros, que quando se encontram reunidos merecem particular menção.

O joven Florentino dá cada dias mais provas de habilidade; e desde já podemos contar nelle um actor distincto, ou quem sabe? talvez mais. Elle é muito joven, e muito devemos esperar para o futuro, se o julgarmos pelo presente.

A semana foi esteril respeito aos theatros. Como supponho que tereis visto o folhetim de *Jornal do Commercio*, escusado é fallar-vos da Companhia Lyrica; eu lembrarei unicamente que não ha peor systema para marchar ao progresso das artes que o systema de exageração: é inutil querer vender n'esta época ao publico - gato por lebre. - Quem não sabe que as grandes cantoras só por avultados ordenados deixarião a Europa? e por ventura estará o nosso theatro em estado de offerecer a uma prima-dona de segunda ordem trinta contos de ré is por anno?

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de mais bom tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PRECO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n. 20.